

P A N E G Y R I C O

*Em a Coroação de sua Magestade  
O Serenissimo Señor,*

D O M I O A M I V :

R E Y D E P O R T U G A L ;

*& dos*

A L G A R V E S , &c.

*A sua Excelencia, o Senhor*

T R I S T A M D E M E N D O N C A

Furtado, Embaxador aos muy altos, &  
Poderosos Estados Generaes das Pro-  
uincias vnidas.

*Composto por,*

F R A N C I S C O G O M E S B A R B O S A .

*Foi impresso em Amsterdam, & agora de nouo nesta Cidade  
de Lisboa,*

---

*Com todas as licenças necessarias,*

*Na Officina de Lourenço de Anueres:*

*A custa de Lourenço de Queiròs Liureiro da Casa  
de Bragança,*





PANEGYRICO

Em a Corôção de Sua Magestade  
O Serenissimo Senhor,

DOM IOM IV

REY DE PORTUGAL

o dos

ALEGRES

A sua Excelencia o Senhor

TRISTAM DE MENDONÇA

Embaixador aos muy altos &  
Poderosos Estados Geraes das Pro-  
vincias unidas.

Compõe por

FRANCISCO GOMES BARBOSA

Imprime-se em Amsterdã, e agora de novo nella Cidade  
de Lisboa,

Com todas as licenças necessarias

N.º Officina de Lourenço de Almeida

N.º Officio de Lourenço de Almeida  
de Bragança



**V** I este Panegyrico, & não tem cousa algũa  
contra a fé, ou bons costumes, antes moue  
os que o lerem a paz, & amor da Patria, &  
não tem impedimento pera se poder imprimir. Em  
S. Domingos de Lisboa 16. de Julho 1641.

*O mestre Fr. Ignacio Galvão.*

**V** ISTA a informação, pode se imprimir este  
Panegyrico, & depois de impresso tornara  
ao Conselho para se conferir com o Origi  
nal, & se dar licença pera correr e se ella não corre  
ra Lisboa 16. de Julho de 1641.

*Francisco Cardoso de Torneo. Pero da Silva.*

*Sebastião Cesar de Meneses.*

**P** O D E S E imprimir Lisboa 22, de Julho  
de 1641.

*O Bispo de Targa.*

**Q** V E se possa imprimir Visto as licenças do  
Santo Officio, & ordinario, & não correrá  
sem tornar a esta mesa para se taxar Lisboa  
a 24 de Julho de 1641.

*João Sanches de Baena.*

*D. Rodrigo de Meneses  
Ribeiro.*

*Cesar*

*Faculdade de Filosofia*

*Ciências e Letras*

*Biblioteca Central*



SENHOR  
ANTONIO DE SOUSA  
DE TAVARES SECRETARIO  
de Sua Magestade na Embaxada  
de Olanda.

**B**Atendo as asas sobre a seca lenha  
demeu engenho, ja de fũto, & frio  
q̃ mais do que possuo aqui se épenha.  
Agora com furor, & nouo brio,  
vendo a gloria da patria restaurada  
com Principe, & Senhor benigno, & pio.  
Minha Musa das cinzas renouada  
fenix desperta a cantar lououres  
daquelle, que liberta a patria amada.  
Mas como entre receos, & remores  
cobarde viue por seu humilde estilo  
frases vulgares sem adorno, & flores  
Do nosso claro Tejo ao fertil Nilo  
não ve outro Mecenas pera emparo  
que vós por seu sagrado, & forte Asilo.  
E como nas virtudes soistão claro  
nas ciencias geral, & nas doutrinas  
viuo no engenho, & nos conselhos raro.  
A vós Senhor com partes tão diuinas  
pretende consultar minha Talia  
porque as Musas em mim não são ladinas

Hũs



A  
O  
ha:  
I  
Huns mal limados versos, que a per fia  
furor poetico & leua, & arreбата  
mais natural, que docto em poesia,  
Escreui em louuor da Patria grata  
como em geral por qua foi aplaudida  
sua gloria que a fama nos relata.  
De vós sua humildade conhecida,  
conceitos rudos faltos de sciencia  
& alheios da sentença esclarecida  
Vereis, se nelles ha sufficiencia  
(pondo o Amor diante, que me incita)  
pera podelos ver sua Excellencia  
E se minha ventura sollicita  
fauores vossos, em quem vão confiados;  
não duuido desse Heroe que os admitta  
Com vossa authoridade apresentados  
terão agrauidade, que lhes falta,  
& serão mais aceitos, & estimados.  
Senisto que vos peço caio em falta  
por não hauer em mim merecimentos,  
& minha petição voa mui alta;  
De nobres peitos, & altos pensamentos  
he proprio conceder merces geraes  
inda que haja em pedir atreuimentos.  
Porem se seus descuidos forão taes  
que discrepem do honesto, que se deue  
em matizar as perfeicoes Reaes:



Se minha Musa Icaro se atreue  
subir a mar do sol a clara Aurora  
com louca presumção, & intento leue,  
E supposto que todo engenho adora  
por ser proprio em seu entendimento,  
& dos filhos, & verios senamora,  
Audaz dareis a meu atreuimento  
deuida pena a culpa, que merece  
pois com pena voou audaz ao vento,  
Verdade he q o amor he quem padece  
estas paixoes leuado na alegria  
de ver que a patria tanto resplandece:  
E como della goza a simpatia  
por filho caro, & natural criança  
que sempre com Amor seus filhos cria;  
Ia pode ser o leue a esperança  
a que serão aceitos dos Patricios,  
suposto que o meu genio pouco alcança.  
Não são estes, Senhor, os sacrificios  
que obrigado lhe deuo, que os louvores  
em mim redundão proprios beneficios.  
Mas são demôstração de meus amores,  
que em fim sou Portuguez, posto q ausête  
gozo do Sol da patria os resplandores.  
E como agora Olanda tem prezente  
Sangue do fenix raro, & glorioso:  
que illustre voa em seu claro Oriente,

Conhe



Conhecendo por fama o generoso  
peito de sua inclita nobreza  
com que a todos abraça tão piadoso,  
Os numeros dedico que a dureza  
de meu engenho fraco como abortio  
a luz tirou com forças da fraqueza,  
Ea vòs, senhor como seguro porto  
amarras bota, por viuer seguro  
por ser Patricio como eu sou do Porto:  
E tendouos eu sò por forte muro  
estou de seu aplauso confiado  
pois nauegão com sabio Palinuro;  
Buscar agora exordios de emprestado  
pera vosgrangear estes fauores  
em vossa humanidade he escusado  
Basta exhalar a fama dessas flores  
fragancia das virtudes que vos vistê,  
pois com ellas comprais no mûdo Amores  
As Musas, que a meu genio agora assistem  
bem quísera cantar de vossa gloria  
mas os medos cobardes lhes resistem  
Porem se minha Vrania he meritoria  
de vosso aplauso na occasião presente  
seu merito porâ cedo em memoria:  
Que sendo vos nas letras eminente,  
nas sciencias geral, dedonde emana  
ser sabio, humano, docto, & eloquente

Tér



Tera materia ampla, & soberana  
pera cantar melhor em doce Rhima  
vossas partes, que a patria Lusitana  
mais que perolas, ouro, & prata estima.

*Amsterdam 22. de Abril de 1641.*

Francisco Gomez Barbosa.



A sua Excelencia, o Senhor  
TRISTAM DE MENDONCA,  
Furtado, Almirante do Mar, & Em  
baixador de sua Magestade.

DOM IOAM IV.  
REY DE PORTVGAL, &c.

Aos Poderosos Estados das Prouincias vnidas.



*Ris Celeste, embaixadora aue,  
Que cõ a sacra oliua  
A paz trazeis ao Norte,  
Do Rey que à Lusitania coube em sorte:  
Se a naufragante arca na ormenta  
Lenho inchado do ser, que hoje respira  
Pronosticais bonança,  
Se de amor, & aliança  
Sois diuino instrumento  
Entre o Batauo, & Luso, generosos  
Por vosso meo, ambos venturosos,  
A patria o brigareis, que vos consagre  
Em diamante, & bronze, estatua eterna:  
Pois izentas vontades  
Reduzis em amor, & amizades,  
Diuinos bens de quem os Ceos gouerna  
O coração vnidos  
Que largos tempos forão diuididos  
Fenix renouarão glorias passadas  
E os auxilios prestando*



Do Lumido Tridente  
Cujos imperio, & mando  
Parte Neptuno entre ambos igualmente,  
As Occidentais prayas conquistando  
Irão vossas armadas;  
E nas terras, aonde nasce o dia  
Eterno dilatando a Monarchia.  
A emulação cessando  
Cauçada de hũ tirano  
Dano e vidente ao Reyno Lusitano,  
Em amor reduzida  
Sera por mar, & terra a força vnida  
Abatendo soberbas Castelhanas,  
Com armas, & proezas Lusitanas:  
Amor da patria, que em meu peito mora  
Em quem jamais entrou esquecimento  
Da natural criação  
Minha Musa que sua gloria adora  
Cordas pulsando ao debil instrumento;  
Os lououres desperta,  
Daquelle que o seu pouso liberta,  
Ea vos seu sustituto,  
Desuas flores, vos ofereço fruto,  
Que suposto que são rústicas flores  
São do vergel da patria, & meus amores.

Servidor, de. V. Excellencia

Francisco Gomez Bartosa.

5 a. 8





Sol com densas nuues eclipsado,  
 Cõ portetos o Ceo todo turbado  
 noite escura, tornado claro dia  
 Em tristezas confusas a alegria,  
 Em deshonna, & oprobrio a felix gloria  
 No lethe sepultada ja a memõria,  
 Em duro esquecimento o ser antigo,  
 As vidas & as honras em perigo,  
 Sogeitas a tão varias tiranias,  
 Aumentadas por horas, & por dias,  
 Sentio, passou, soffreo, o Lusitano  
 Depois q̃ foi sogeito ao ceptro Hispano

De tributos, & impostas carregados,  
 De auexaçoens, & males lastimados;  
 De desprezos, & iniurias offendidos,  
 De arrogancia, & soberbas oprimidos;  
 Apatria pobre, as terras assoladas,  
 Fraco o commercio, as rédas defraudadas,  
 Seruiços largos, curtas recompensas,  
 Piratas muitos, poucas as defensas  
 Reino debil, perdidas as conquistas;  
 Roubada a prata, & ouro, a claras vistas  
 E de tanta miseria, & tanto aperto,  
 Morta a esperança, & o remedio incerto

A 2

Mas



## P A N E G Y R I C O .

Mas os heroes illustres succedores,  
De tão remotas gentes domadores,  
Sangue de Viriatos, & Sertorios  
descubridores de altos promentorios,  
Aradores dos campos de Neptuno,  
Cos olhos do pauão da deoza Iuuó,  
Cujas proas abrirão felixmente,  
Tantas portas nas praias do Oriente,  
Na Africa, & na America dezertas,  
Por vias & derrotas tão incertas,  
Esforços, & valores, sem segundos,  
Que bastarão a seu Reidar nouos mûdos.

Não podendo levar jugo tão duro,  
O mal remendo sabios do futuro,  
Dos Castelhanos danos ja queixosos,  
De sua gloria eternos enueiosos,  
De seu descanso, & paz, perturbadores,  
E não de sua offensa vingadores  
Ia mais remedio dando a tanto dano  
Que estrangeiros fizeram no Oceano,  
Tomando terras, conquistando eprezas,  
Ganhadas com as armas Portuguezas,  
Leuados do antigo, & heroico brio,  
Ia negão à Phelipe, o senhorio.

Des



Desabrochando os offendidos peitos,  
E os coraçoes, que tinha tão fogeitos,  
Criados com nobreza, em liberdades,  
De vnanimis vontades,  
Jurão seu proprio Rey, a quem cõpete  
O ceptro hereditario, que no Lethe,  
Tinha ja sepultado a tirania,  
Cesar da Lusitana Monarchia  
Quarto Dõ Ioão, de soberana gloria,  
Nome immortal, eterno de memoria,  
Que é quãto o Sol criando for os annos  
Illustre viuirà entre os humanos.

Esclarecendo o Sol, de sua Aurora;  
O mar o reuerença, a terra o adora,  
Os feros animays se offrecê humanos,  
Suas vontades rendem os Lusitanos,  
Amor, braços, poder, honras, & vidas.  
E as Espanholas forças ja vencidas,  
Morto o tredor da patria, o mais tirano  
E em ferros o presidio Castelhana  
Entre as Virgês Vestais posta é clausura  
A Duqueza Mantuana se assegura:  
E em breues horas, tudo é fogo ardia,  
Cessa atormenta, & esclarece o dia.



la renouão a honra, e alta gloria,  
la do passado bem trazem memoria,  
la Portugal seu fenix refucita,  
Que em seu Zenith, ditosamente abita,  
la desterra a soberba, & tirania,  
Daquelle, que aspiraua à Monarchia;  
As villas, & as cidades vniformes,  
E todas as familias tão conformes,  
Ao mando offerecidas,  
Que darão com amor almas, & vidas.  
E os filhos venderão na tenra idade,  
So por que viua a patria em liberdade.

Amanhece o dia no Orizonte,  
O Sol alegre ras no claro monte,  
O campo se alcatifa de mil flores,  
As aues alternadas cantão amores,  
O mar ambar exala,  
O rio murmurando em vozes fala,  
As Musas tocaõ doces instrumentos,  
Ninphas do Tejo repitem á seus acétos,  
E tudo em fim colmado de alegria,  
Acompanharão o venturo sodia,  
Que amanhece com noua luz Lisboa,  
No quoal seu natural senhor coroa:  
Com



# PANEGYRICO.

Com tão altiva gloria, & bem diuino,  
 Com fauor tam estranho, & peregrino,  
 Em quem o ser antigo relucita,  
 Que a sua grandeza se exercita,  
 A os bronzes duros d' tão alta historia:  
 Que eterna, & immortal fica a memoria  
 De obra tão heroica, e soberana,  
 Empreendida por gente Lusitana,  
 Cui a fama no Orbe se dilata,  
 Aplaudida em geral, & a todos grata  
 Confessando que tão sublime empreza,  
 He só digna da gente Portuguesa.

Vos clarissimo Rey Dom João benigno,  
 Assistido de espirito diuino  
 Sangue illustre do ceptro Lusitano,  
 Por tempos usurpado de hum tirano:  
 Sucessor daquelle inclito Duarte,  
 Com quem Iupiter já imperio parte,  
 Gozo de Portugal, gloria do mundo,  
 Quarto João, que não terá segundo;  
 Já que o Ceo rezeruou vossa pessoa,  
 Dignissima do imperio, & da Coroa,  
 Os oprebbrios vingay de tantos annos,  
 Conheça Espanha os fortes Lusitãos

A 4

Conheça



Conheça esse valor que ja confuso  
Està o Castelhana, é ver que o Luso  
De todo vosso imperio, & senhorios  
Em nome vosso de abater seus brios  
Esperanças concebe:  
E com as armas suas, vereis breue  
A Castelhana força enfraquecida  
E a vosses Reais pees toda rendida;  
Sua vam incham acobardada  
Por vosso braço inuieto destrocada;  
Que o piadoso Ceo, juiz do pleito  
Com justica vos julga este direito.

Ia todo Portugal, Senhor, vos chama,  
E por todo o vniuerso vossa fama,  
Ditosa, e felixmente se dilata.  
E ja grandeza tanta se relata,  
Ao mais estranho Antipoda remoto;  
Onde vosso valor hoje he ja noto.  
Ditoso Portugal que tanto alcança,  
Pois ja percebe, a vnica esperança  
Dessa proeza, que todo o Orbe estima,  
De nouo conquistar hum nouo clima,  
Que ao Luso não será raro misterio,  
Pois Neptuno obedece a seu imperio,  
Os



Os nátiuaes defejão voffo aumento  
Os eſtranhos aprouam voffo intêto,  
Areção & iuſtiça vos defende,  
O Orbe todo voffo bem pretende;  
Auerdade digniſſima vos chama,  
A voz vniuerſal dilata a fama  
De voffo nome claro:  
O Principe, o ſenhor, o Rey preclaro  
Concebem en ſeus peitos eſperança  
De eternizar amor, & aliança  
Com Luſitania, pois o Ceo piadoſo  
Lhe deu Senhor, & Rey tam generoſo.

Mas vos Senhor, que ſois vnico herdeiro  
Mas vos, a quem ſó toqua ſer primeiro  
Mas vos, que defendeis a patria amada  
Que em liberdade poem a voffa eſpada  
A vos ſe deue ſo a palma, & gloria,  
A vos ſe depozita eſta memoria.  
A vos Portugal ſo hoje obedece.  
Por que vos ſo, Senhor, ſois quẽ merece,  
Coroa, Ceptro, imperio, & o gouerno  
Que em voffa ſucceſſam, ſera eterno:  
Que quem deu a ſeu pouo a liberdade  
Iuſto ſera que viua a eternidade

Amor



Amor, fauor, merces; beneuolencia;  
Summas misericordias, & clemencia,  
Que vzaís com vossos subditos piadoso,  
Que exercitays na patria poderoso,  
Abito illustre, a tam illustre peito,  
Obras reais de tam Real fugeito,  
Mouê os bronzes, coraçoes izétos  
A impetrar do Ceo vossos aumentos,  
A dezejar as prosperas victorias,  
A celebrar com gozo vossas glorias,  
A amar de coraçam vossos amigos,  
E aborrecer com odio os inimigos!

O Lusitano que se vê auzente  
De vossa luz, & Sol resplandecente  
Do sul ao frio Norte,  
Celebrou com aplauso vossa sorte:  
Alegrouse cõ o bem da patria amada,  
Espera ver a gloria dilatada  
De seu antigo ser com vos seu Atlante;  
E se em vossas bandeiras militante  
Não pode assistir, por sua auzencia,  
Seu amor aceitay, por asistencia:  
Que quando falta o meo para a obra,  
A vontade, & amor, credito cobra.

Agora



Agora concedida gloria tanta  
 Que todo o Vniuerso a vozes canta,  
 As letras estimando,  
 E às armas valerozas premio dando,  
 Hũa conquistarão, novos imperios  
 Outras dilatarão nos emispherios  
 As victorias que os Ceos ja vos concedê  
 Para o que, marmor, bronze, e iaspe pedê  
 As subteis penas Cilnes Lusitanos  
 Cantando vossos feitos soberanos,  
 Que a espada melhor corta; se se estima  
 Ea pena se auantaja, em verso, ou Rhima.

F I M

Faculdade de Filosofia  
 Ciências e Letras  
 Biblioteca Central





Agora concedida gloria tanta  
Que todo o Vniuerso a voces canta,  
As letas estimando,  
E as armas valoras premio dando,  
Hias conquisstas, nobres imperios  
Obras glorias nos triumphos  
As victorias que os Ceos ja vos concede  
Para o que, maior, bronze e alpe pede  
As subis penas. Cines Iulianos  
Cantando vossos feitos sobranos  
Que a esquadra milhor corre, este celine  
E as penas temerarias em vello, coelinas.

Faculdade de Filosofia  
Ciencia e Letras  
Biblioteca Central



BIBLIOTECA  
K177  
MAR  
41  
MAY 2 1901